



Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

## A derrota da Bulgaria



— Achata o «béque!»



## PALESTRA AMENA

## A verdade

Com a crueldade que é muitas vezes companheira inseparável da verdade, um nosso colega noturno aprecia as ultimas obras do sr. Nunes da Mata, sem aquelas hesitantes palavrões que se usam na imprensa para não desanimar os obreiros.

«O sr. Nunes da Mata, diz o jornal a que nos referimos, com uma perseverança absolutamente ridícula, continua a matar os ocios e a atulhar o pensamento com tragedias e dramas em versos de horrível metro e sinistras rimas, não tendo o bom senso de os guardar em casa e poupar-nos assim a estas referencias desagradáveis.»

Será de aprovar esta franqueza? será ela eficaz, isto é, será tomada pelo visado na devida conta e não tornará ele a pecar?

Que se deve dizer sempre a verdade, principio é esse muito contestável; a mentira tem defesa e até, se não estamos em erro, o grande Victor Hugo a preconisa n'um dos seus romances mais pensados. No caso, porém, de que se trata e nos analogos, deve ou não dizer-se a verdade?

Conforme. Pode o sr. Nunes da Mata ser um doente — e é, provavelmente — a quem a desilusão produza efeitos terríveis, como o de acabar de lhe desarranjar as faculdades e precipitar-lhe a entrada no manicómio, e n'esse caso a verdade não deveria ser dita, mas uma meia verdade, uma atenuação do cauterio; quando o critico quizesse ficar bem com a sua consciencia, não a sacrificando á satisfação do autor das boboseiras.

E dado o caso de se tratar d'um escritor principiante, que peca porque as suas aptidões ainda não atingiram o desenvolvimento total, o que não quer dizer que mais tarde não venha a produzir obra de geito? Então parece-nos evidente que a benevolencia é tambem de aconselhar, visto que o desanimo poderia privar-nos de primores futuros, julgando-se o moço incipiente incapaz de progredir. São raros os poetas ou prosadores que principiam por trabalho de verdadeiro valor — citemos, por exemplo, Guerra Junqueiro, cujo primeiro livro de versos, quando estudante, parecia revelar uma completa negação para a poesia — e se a imprensa os recebesse logo á ponta da espada, não contaria hoje a literatura portugueza algumas obras primas que fizeram esquecer todas as indecisões anteriores.

Ou contaria... porque o que em geral acontece é que os principiantes não acreditam, por vaidade, na sinceridade da noticia quando ella é severa, e tomando-a á conta de inveja ou de estupidice do critico, rasgam-na indignados e descompõem quem ousou dizer-lhe a verdade sem reboços. E' a regra, varias vezes verificada pelo signatario d'esta palestra, cujo pseudonimo en-

cobre o nome d'uma pessoa, por dever de officio obrigada a apreciar muitos livros e peças teatraes, e que até hoje só encontrou um escritor que lhe aceitasse a rudeza da critica: não lhe cita o nome, mas saiba-se que esse homem excepcional vive em Benavente, tem talento e, confiando na imparcialidade e até na amizade do critico, destruiu a edição d'um livro de versos não peor do que muitas outras que correm mundo entre os elogios dos papalvos.

J. Neutral.

## Irmãos

Parece-nos, salvo o erro, que as frutas subiram á cabeça do illustre madurista dr. Amilcar de Sousa. Até hoje aconselhava-nos com delicadeza a que nos deixassemos de carnes, nunca descendo á invectiva nem ao insulto; agora, porém, entra pela insolençia, como se vê do seguinte trecho, que copiamos do seu recente artigo sobre a Lei. «Compare a vida exaustiva, deteriorante, avassaladora dos que trabalham e lutam pelo dinheiro excessivo para o talho onde se esqua-



tejam animais irmãos nossos pela criação...»

Recusamos, com indignação, o parentesco — e se o doutor sabe d'algum homem que nascesse do ventre de vaca melhor faria calando-se do que apregoando a infelicidade do mano dos bezerrinhos.

A isto responder-se-ha talvez que o autor do artigo se refere a irmãos pela criação e não pela geração. Obrigada pelo elogio, em nome de todas as pessoas que não foram criadas a palha nem costumadas a puxar ao arado.

Nada: aquilo é força de pera sorvada que lhe envenenou o sangue.

## E' de canelo!

Com o que os telegramas da ultima quinta feira narram são já sete os atentados de que Lenine tem sido vítima, achando-se ainda de saude. Agora furaram-lhe uma espadua com um tiro de revólver, e, se bem nos lembra, já lhe furaram uma perna, os dois braços e a mão direita. Tambem nos dizem que lhe atravessaram o coração com uma punhalada, mas não acreditamos — até que venha a confirmação por via segura.

## Prisões

Temos uma coisa a propor aos jornaes de Lisboa e Porto: vem a ser o deixarem de publicar os nomes das pessoas que são presas e publicar os nomes dos que o não são. Isto porque o espaço é precioso, tornando-se necessário que o leitor encontre nos jornaes alguma noticia que lhe interesse



e não apenas as relações dos presos que encham todas as colunas.

E tambem por outro motivo: porque o estrangeiro sabendo qual é a população de Portugal e contando o numero de pessoas encarceradas pode imaginar que d'aqui a pouco só anda á solta o sr. Presidente da Republica — emquanto o não tiverem por suspeito de conspirar!

## Outra epidemia

Isto é um nunca acabar de doenças. Agora são os livros da Biblioteca Nacional que estão atacados, diz-se que por deficiencias de limpeza e de higiene, sendo a epidemia de tão mau character e tão teimosa que o sr. director da Biblioteca pediu a demissão do cargo, visto reconhecer a impossibilidade de a debelar.

Oxalá se dê pronto remedio, mas cremos que este não existe e que o mal já é antigo. Se a tal enfermidade é igual á de muitos livros modernos, que todos os dias recebemos, chama-se «falta de gramatica» e é incurável.

## De Bocage

Leiam, seus poetas d'agua doce, e aprendam:

Quando á que me rendeu jurava usano  
Gostar por ella do funerario instante,  
Dizia a doce amada ao terno amante:  
— Inalita morrerá, se morre Elmano.

O tempo, das paixões, dos bens tirano,  
Tornou ferino o divinal semblante,  
E nos labios gentis voz fulminante  
Vibrou, vibrou-me um rato: o desengano.

Esperanças murchae; tu lisongeiro  
Sonho adoravel, com que o ser manties.  
Desfaz-te em meu peito derradeiro;

Mas as cinzas do amante amôr não privo  
Dos ais de escravos seus; triste letrado  
Diga: — Elmano morreu, e Inalita vive.



## Infeliz Camões!

Cremos ter dado sobejas provas de que respeitamos todas as opiniões e não é agora, quando entramos na idade madura, que mudaremos de rumo. Assim, muito acatamos a do sr. Patrocínio Ribeiro ácerca do celebre soneto de Camões

*Alma minha gentil que te partiste*

tanto mais que tal opinião foi apresentada cá na casa.

Consiste ela, se bem lemos, em supor que aquele soneto não foi feito a Catarina de Ataíde nem a qualquer outra mulher, mas ao *Corpo* do proprio poeta, que se julgava, como por outras composições se depreende, um «corpo sem alma.» E n'esse caso o soneto estaria deturpado, devendo começar assim:

*Alma minha gentil que te partiste*

*Tão cedo d'este «corpo» descontente*

Está muito bem. Camões imagina que a sua alma partiu, para o céu — que modestia de cristão! — e que na terra lhe ficou o corpo. E termina assim o soneto:

*Pede a Deus que teus anos encurtou*  
*Que tão cedo de cá me leve a ver-te*  
*Quão cedo de meus olhos te levou.*

Isto é, Camões roga á sua alma que peça a Deus que lhe leve tambem o corpo para o céu, de onde se conclue que o epico julgava que depois de mortos os homens vão para «o outro mundo» em corpo e alma, provavelmente vestidos e calçados.

E' a primeira vez, se não estamos em erro, que se aventa o parecer de que Luis de Camões era idiota.

## Correspondencia

*S. Tulipa*—Essa agora! Então nós sabemos alguma coisa de modas para que v. ex.<sup>a</sup> nos consulte? «Se a guerra continuar, pergunta v. ex.<sup>a</sup>, qual será a grande moda este inverno?» Olhe: se a guerra continuar use os vestidos velhos, remendados, seja como fôr e continuará a ser quem era: uma Tulipa encantadora.

*São Tomaz*—Bem pouco paciente nos parece o amigo. Pois espere, se quiser; se não, bata a outra porta.

*Lucio R. F.*—Nem na *Torre de chifre* tem cabimento os seus versos: criaremos uma secção intitulada *Barril de lixo*. Irão para lá.

*Luz*—Nem tudo o que luz é oiro, e vossa senhoria é um exemplo do ditado, porque nos parece de lata e da ferrugenta. Deixe-se d'isso.

*C. Tavares*—Lá chegaremos, se houver saude. Dê tempo ao tempo.

*Liros*—Esperem os autores, que todos serão atendidos a seu tempo. Estamos a afiar o gladio justiciero.

*A. F. Fino*—Será fino, mas no que escreveu é grosseirissimo. Arre, que parece alemão!

## Aí, valentes!

Ora assim é que é dar-lhe! A nossa querida vizinha Espanha estava ha quatro anos a sofrer a desfaçatez da Alemanha, que em cada dia lhe metia um navio no fundo, mas por fim a alma do Cid despertou: Em tesissimo conselho de miuistros resolveu-se requisitar alguns dos barcos alemães surtos em portos hespanhoes.

Isto é: o que parecia excesso de paciencia não era mais do que o aboborar de energias latentes, de corações reprimidas, á espera que a Alemanha



chegasse ao cumulo do seu poderio para então se dar a explosão de merecida represalia. Até aqui a Alemanha, entretida em varias conquistas e com os seus exercitos assim distraidos, seria um inimigo indigno de atenção; hoje, porém, que ela finalmente concentrou todos os seus exercitos na maxima força, já pode corresponder ao desafio, de igual para igual.

E o que vale á Alemanha é não ser um grande mar, quando não a Espanha bebe-la-ia d'um trago!

## Duas do Marques

O Marques assistiu ha dias a uma discussão ácerca do contagio da gripe pneumonica. Uns afirmavam que ela se transmitia a grandes distancias, outros afirmavam que o microbio só galgava pequenos espaços, quando pela sua reconhecida inteligencia, foi consultado o Marques.

— A gripe transmite-se a enormes distancias, declarou ele.

— Por quê? conhece alguns factos que provem essa asserção.

— Conheço um e é bastante. Não leram nos jornaes o convite aos assinantes dos telefones para limitarem as suas chamadas, porque quasi todas as empregadas estão com a gripe?

— Lemos; e então?

— E então é claro que a doença se transmitiu pelo telefone...

Outra do mesmo cidadão.

O Lino Ferreira, que, como se sabe, é a pessoa mais engraçada de Lisboa, encontrou o Marques na Brazileira. Conversaram, O Lino:

— Acabei de almoçar um bellissimo petisco.

— Que foi? que foi? perguntou o Marques, guloso.

— Uma porcaria, respondeu o Lino.

— Porcaria?! Mas você disse que era um bellissimo petisco...

— Pois era; era carne de porco, logo, segundo as regras etimologicas, era uma porcaria.

Passou-se uma semana e encontraram-se de novo o Marques e o Lino Ferreira. O Marques:

— Almocei hoje um bellissimo petisco.

— Ah! e que foi?

— Uma vacaria, disse o Marques, com a maior seriedade.

— Quê? uma vacaria?! interrogou o Lino, com assombro.

— Sim senhor, comi carne de vaca — logo, segundo as regras, de vaca, vacaria...

## Adjétivos

Noticia um jornal que foi ultimamente oferecida ao jardim Zoologico uma *interessante* lontra, que foi fazer companhia a tres colegas já em exposição. Fazemos ideia das torturas do pobre redactor da noticia, obrigado a adjétivar o animal, conforme é de uso entre nós, habituados como estão todos os animais a que os não citem sem o respétivo qualificativo. O homem hesitou por muito tempo: qual será o adjétivo que mais convenha a lontra? Poderia escrever *lontra com-*



*prida, lontra gorda, lontra lustrosa, lontra pesada, etc.:* não errava, mas a verdade é que mostraria um estilo pobre e quasi ofensivo para o bicho. Ocorreu-lhes então o *interessante*, depois de ter ponderado o *distinto* e o *ilustre*, que logo pôz de parte, por corriqueiros.

Ora quando taes atribuições pensou o pobre literato para qualificar a lontra, imagine-se que se tratava de animal mais nobre, mais elevado na escala zoologica; do macaco, por exemplo! Estamos a adivinhar que lhe chamava *eminente!*

## Plebiscito

Um jornal da noite abriu um plebiscito formulando a pergunta de qual seja o *sportsman* mais completo de Portugal. Dos 225 votos recolhidos até á data em que lemos o jornal, cabiam dois ao Felix Bermudes.

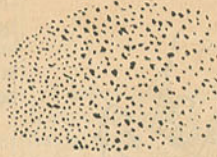
E' escusado dizer que eram do Ernesto Rodrigues e do João Bastos.

AS NOVAS PROEZAS DO MANECAS

29.ª Parte — 14.º Episodio

(Continuação)

**CRi**



**10 F**



**êr**



**C** 

**eee**



**-RO**

**TR**  **T**



**-B**



**TUAA**



**-C+T**

**LIND**



**S**

**F**



**A**



**-L**

**AKB**

**e**

**VEN**



**M**

*Germania. Bozko*